

— Curioso ! Curiosissimo !

— Sabeis o que fazem então as formigas esfaimadas, querendo utilizar para si os bastimentos ¹¹ das formigas que vivem na abundancia ?

— Apoderam-se do formigueiro abastado.

— Agora vereis de que maneira. Como estes insectos são de seu natural industriosos e sagazes, aproveitam a hora em que os inimigos repousam, e levantam um conducto ¹² de terra, de tal arte construido que por elle, de momento para momento, se lhes aproximam.

— Sem perigo ?

— Com o menor perigo possivel.

— E as de dentro não se defendem ?

— Defendem. Fazem até sortidas ¹³, em que se pelea encarniçadamente de parte a parte, umas para resguardarem as riquezas do peculio, outras para se apossarem da presa disputada. Nas tayocas ¹⁴ do matto é isto vulgar, e admira que, sendo tão caçador e tão costumado a correr e pousar por maninhos ¹⁵, não tenhaes dado ainda por taes brigas.

— Por minha fé que d'aqui em deante nunca mais deixarei de olhar e observar.

Começara o mancebo a comprehender, e com effeito achara, não só sabor de curiosidade, mas grande copia ¹⁶ de instrucção na parabola ¹⁷, ou antes, no capitulo de historia natural do capitão.

— O conducto, ponderou Vieira — vem a servir para acautelar os insectos que avançam, não ?

— Justamente. Ora, como os que se defendem não podem pelear sempre, os que atacam, sendo ¹⁸ ordinariamente mais numerosos, nos intervallos adiantam o seu tubo, ou galeria, d'onde podem facilmente rechassar ¹⁹ os que pretendem estorvar-lhes o trabalho. Percebeis ?

— Vou percebendo. ²⁰

— Não era para um moço de agudo engenho, como sois, deixar de entender tão claras praticas ²¹. D'esta

forma, vão pouco a pouco os sitiantes estreitando os sitiados²², até que, chegando-lhes ás defesas, lh'as desmancham e arruinam, entrando-as com muito mais facilidade.

— Nesse caso estamos nós como as formigas que defendem os celleiros?

— Pouco mais ou menos.

— E os holandezes ir-nos-hão²³ estreitando até nos poderem atacar a salvo?

— A salvo não digo.

— Isto é, com menos risco e mais certeza?

— Isso sim. Com certeza inteira.

— Occorre-me agora uma duvida. As formigas, que eu saiba, não têm armas de arremesso.

— Não têm; reflectis bem. Que inferis d'ahi?

— Figura-se-me que esta circumstancia diminue um pouco a força da parabolá e ha-de alterar a conclusão d'ella.

— Nem por isso.

— Porque?

— Ha uma pequena differença, mas o resultado é o mesmo.

— O mesmo?

— Ordinariamente. Tendes curiosidade de saber por que fórma?

— Pois não vos peço que vos digneis completar a minha instrucção?

— Eu vos digo a differença. Havendo nas batalhas de homens... entre nós e os holandezes, por exemplo...

— Não o ha mais a proposito.

— Havendo nos nossos combates essas armas que chegam longe, como a artilheria...²⁴

— Justamente a artilheria.

— A differença é só que os holandezes, em vez de alongarem o seu tubo até á entrada do formigueiro... até á collina do forte, quero dizer, param por ahi a distancia de meio tiro de canhão, e chegando a

esse ponto, no nosso caso direi sempre, uma noite lhes basta para levantarem as suas baterias ²⁵ e plantarem os seus pedreiros ²⁶ e mais peças de bater.

— De sorte que, em pouco tempo, como estes tiros de perto são certos e destruidores, as muralhas que nos cobrem desabam em escombros ²⁷, e convertem-se em rampa ou talude ²⁸ por onde elles podem marchar ao assalto, como quem sobe uma encosta. Nas praças de maior força, com obras regulares e fortificações exteriores, é o caso mais complicado. São necessarias circumvallações ²⁹ extensas, parallelas ³⁰, caminhos cobertos, e praças d'armas ³¹. Preparam-se mantas ³², levantam-se tranqueiras ³³, excavam-se minas ³⁴, arredondam-se meias luas ³⁵, apparelham-se bastiões ³⁶ e fortins. Usam se de parte a parte muitas invenções e engenhos. Dispõem-se e armam-se baterias de varia feição ³⁷ e traça ³⁸, já enterradas, já cruzadas; estas de enfiar ³⁹, aquellas de revez, umas á escarpa ⁴⁰, outras á barba ⁴¹. Tanto que se vão chegando e aproximando, abrem-se-lhes fossos, e correm-se lhes parapeitos ⁴², conforme a sua qualidade. Fazem-se emfim trabalhos solidos, e não bastam só gabionadas ⁴³, como essas que estão empregando ahi os hollandezes, mais expeditas é verdade, mas pouco seguras. A final, porém, tudo vem a dar no mesmo. É uma proporção e um calculo. Dia mais, dia menos, tanto vale... Que vos parece a minha parabola?

— Que é como as da Escriptura ⁴⁴. Sem embargo... estão-me ainda remordendo uns pequenos escrupulos, que, por seguro tenho, a vossa bondade desculpará!

— Dizei: para saber bem, é necessario saber tudo.

— E, com quem tão cabalmente ⁴⁵ sabe ensinar, gosto é aprender.

— Dizei, dizei.

— Não poderiam os hollandezes varejar-nos ⁴⁶ assim mesmo de longe... quando mais não fosse, para favorecer os seus trabalhadores, incommodando-nos?

— Dizeis bem, e em assedio mais formal não o dis-

pensariam. Collocam se para isso baterias na circumvallação; mas sempre levam tempo, e é preciso haver no terreno elevações que favoreçam esta disposição. Estão apressados os homens, e vão só ao essencial. O ser a lingueta ⁴⁷, em que nos atacam, um plaino e toda ella areal não dá muito para taes obras, nem o forte pede taes precauções. O que elles querem é ver as muralhas em baixo e os homens descobertos. Deixae-os chegar ao ponto desejado, e notareis como esses canhões, cujo silencio vos dá que pensar, fallam alto e claro.

— Que fallem, responde-se-lhes ⁴⁸.

— Responde; mas elles bradam por muitas bôcas e podem muito bem calar-nos. Quem mais grita mais razão tem, não sabeis? Chama-se a isto abrir brecha ⁴⁹. Para alli se guardam os nossos hereges de Hollanda.

— D'essa fôrma estaremos a descoberto em pouco tempo.

— É possível.

— Amanhã?

— Amanhã ou depois. Não se pôde dizer bem; mas não tardará.

— E para abrir brecha bastam...

— Horas, ás vezes. Segundo a força das muralhas e o numero e qualidade de tiros.

— Penso que não teremos então que esperar muito.

— Pensae, pensae: é prudente.

— Outra observação.

— Ouvirei.

— E porque não seguem os hollandezes uma linha recta? Seria mais breve do que virem ás voltas e rodeios... se é que me não engana a distancia.

— Não vos enganaes certamente. A razão é naturalissima; em linha recta, bastaria apontar-lhes um canhão bem á bôca da galeria ⁵⁰ para lhes varrer ⁵¹ quanto lá estivesse... A isto se chama enfiar. Assim de lado... de revez dizemos nós... em vez de atirar

aos homens, temos de atirar á trincheira, e a gente lá anda e communica por dentro com menor perigo.

— Ah!

— Nada ha tão trivial.

— Quanto mais viver mais aprender, senhor capitão. E não se lograria de algum modo impedir esses malditos conductos?

— Faz-se o que se pôde como vêdes. Nem por isso deixam de continuar. São teimosos esses homens do norte. De vez em quando lá se lhes desfaz um lanço⁵² de obra; e sempre atraza. É o mais que podemos conseguir.

J. da S. Mendes Leal (1820-1886).

¹ § 90, *d* Agradam-vos. ² haveis; § 79, notas no fundo da pag. ³ § 80, *a*, ⁴ proprio, exclusivo, peculiar. ⁵ § 121. ⁶ o subst. prim. lat. *bellum* significa guerra. Comp. *bellico*, *belligerante* (*gerere*, fazer), *rebellião*, *rebellar*. ⁷ apertos, penuria. ⁸ divisão estabelecida nas diversas familias de plantas e animaes. ⁹ Covas onde se planta a mandioca. ¹⁰ planta de cuja raiz se extrae a farinha de pau e a tapioca. ¹¹ provisões. ¹² Caminho, geralmente em forma de tubo. ¹³ saída de um trecho de sitiados contra os sitiadores na guerra. Ver a nota 22. Chama-se tambem sortida ao acto pelo qual os sitiados saem da praça, ou do ponto occupado para atacar os sitiantes, ou para atravessar por entre elles, escapando-se-lhes. ¹⁴ formigas grandes, negras, do Brazil. ¹⁵ terrenos incultos. Note que como subst. só se usa no plural Synonimo *pousio*. Como adj. significa esteril, inculto. ¹⁶ abundancia, grande quantidade, grande numero. Comp. *copioso* (abundante), *copiosamente*, abundantemente, com fartura. ¹⁷ narração, conto que encerra alguma verdade importante. ¹⁸ § 238, 1). ¹⁹ repellir, fazer retirar. ²⁰ § 82. ²¹ fallas, conversação. ²² *sitio* é o mesmo que cerco, assedio posto a uma praça ou cidade fortificada. *Sitiar* é pôr cerco ou *sitio*, assediar, cercar. *Sitiantes* são os sitiadores, os que cercam. Os *sitiados*, são os que estão cercados por tropas inimigas. ²³ § 80. Nota 1.^a ²⁴ designava antigamente todos os engenhos e machinas de guerra. ²⁵ logar onde as peças de artilheria estão promptas para fazer fogo. ²⁶ bôca de fogo antiga, semelhante a um morteiro, e que era destinada a lançar grandes projecteis de pedra. ²⁷ ruidas. ²⁸ terreno inclinado, escarpa. ²⁹ valla com pallissada ou estacada, e parapeito que serve

para livrar os sitiadores dos ataques e para cortar as commu-
 nicações da praça com o exterior. ³⁰ trincheira guarneçada de
 parapeito e traçada parallelamente a um dos lados de uma
 praça que se está cercando. ³¹ parte das trincheiras em que se
 reúnem durante um cerco as tropas destinadas a repellir as
 sortidas do defensor. ³² obras defensivas que cobrem algum
 canhão assestado. ³³ cerca de madeira, estacada ou pallissada
 para fortificar algum posto. ³⁴ canal ou caminho subterraneo,
 que se abre para os sitiantes penetrarem sob as muralhas ou
 trincheiras de uma cidade sitiada. Tambem se chamam assim
 ás covas onde se mette polvora para, lançando-lhe fogo, fazerem
 ir pelos ares tudo quanto se acha por cima. ³⁵ obra externa-
 mente triangular, e que tem internamente a fórma de meia-
 lua. ³⁶ Muro ou trincheira levantada deante do angulo saliente
 de um forte ou de uma praça. ³⁷ feitio fórma, aspecto, appa-
 rencia. ³⁸ planta, desenho, traçado. ³⁹ enfiar uma obra de fer-
 tificação é poder batê-la por fogos directos. ⁴⁰ bateria dirigida
 ao pé ou ao alambor da muralha. ⁴¹ bateria á barba é aquella
 cujas peças jogam descobertas por cima dos parapeitos. ⁴² parte
 superior de uma trincheira, que cobre os defensores e por cima
 da qual se faz fogo. ⁴³ fileiras de cestos e cestões cheios de
 terra para cobrir os trabalhadores do fogo do inimigo. Compare
gabião e *gabionar*. São da mesma origem *gavéa*, *gageiro* (ital.
gabbia). ⁴⁴ onovo Testamento, as parabolás contadas por Christo.
⁴⁵ de um modo perfeito, completo. ⁴⁶ no sent. propr. é açoitar
 com vara. No fig. : *accommetter*, atacar com descargas de arti-
 lheria ou fuzilaria. ⁴⁷ diminutivo de lingua. Lingua de terra
 é a porção estreita de terra, entre dois mares ou rios. Lingueta
 usa-se em muitas accepções. Aqui é como diminutivo de lin-
 gua de terra. ⁴⁸ § 192, c) ⁴⁹ abertura feita no muro de uma
 fortaleza e pela qual se póde penetrar. ⁵⁰ corredor subterra-
 neo que se abre para exploração de uma mina, ou outro qual-
 quer fim. ⁵¹ dispersar, destruir, arrazar. ⁵² a extensão de
 panno de um muro, de um entrincheiramento, de uma parede

 28 — Psalmo

O nome do Senhor seja louvado
 Na terra e nas alturas :
 Louvem-no estrellas, lua, sol dourado
 E angelicas creaturas. ¹

Louvem-no de continuo os céos profundos
 E as aguas lá de cima ;
 Louvem o nome do que fez os mundos
 E a todo o ser² anima :

E, dando luz a cada ser creado,
 Poz-lhe um preceito que³, ha-de
 Permanecer constante, inquebrantado,⁴
 Por toda a eternidade !

Louve-o quanto na terra se sustenta,
 Louve-o até o inferno ;
 Louve-o a tempestade, que rebenta
 Fiel á voz do Eterno.

Louve-o o monte, que a sua cumeada
 Às nuvens alevanta ;
 Louve-o a arvore de fructos avergada,⁵
 Louve-o a estéril planta.⁶

A ave, que vóa, a fera, o bicho immundo⁷
 Louvem-no a cada instante.
 Povos e reis, novos e velhos... tudo
 Em tudo o louve e cante !

Candido de Figueiredo (*escriptor contemporaneo*)

¹ os anjos. ² ser aqui é substantivo e significa : *tudo o que existe*. ³ regra, ordem. São da mesma familia : *preceituar, preceptivo, preceptor*. ⁴ observado, obedecido (não quebrantado). ⁵ vergada, dobrada com o peso. ⁶ que não dá fructo. ⁷ a raiz d'esta palavra é o latim *mundus* (limpo) ; por isso se escreve com *mm* (*in mundus*, não limpo). Pertencem á mesma familia : *mond-a, -ar, -adeiro, -ador, -adura* ; *emundação* ; *immund-icia, -icie, -o*.

29 — As folhas (pag. 64 na 4.^a ed.)

As folhas, verdadeira parte e complemento dos órgãos conservadores, são, aos olhos da physiologia¹

botanica², bôcas, fauces³ e estomagos: tracheas⁴, pulmões e corações da planta; tudo promiscuo⁵, tudo exterior e descoberto, mas tudo sem horror nem asco, antes suave⁶ á vista, ao cheiro, ao tacto e ao ouvido.

São umas raizes aereas⁷, talvez mais importantes que as soterradas, pois, emquanto as radículas⁸ minam e negoceiam na escuridão, assumindo⁹ umas substancias e demittindo¹⁰ outras, que já são fezes¹¹, — as folhas, meneando-se graciosas¹² no ar, á luz do céu, que parece attrabi-las¹³, como ao caule¹⁴, sempre para o alto e sempre para o sol, absorvem os gazes e vapores necessarios para o individuo de que são parcelas, ministras, ornamento, abrigo, voz e musica suavissima.

Ellas digerem estes atmosphericos mantimentos e os assimilam¹⁵, para virem a ser porção de sua mãe e d'ellas mesmas; ellas exgregam¹⁶ e lançam fóra materias superfluas e nocivas.

Aquelle que, por distrahido passatempo de ocio, depenna uma planta de suas folhas, matou, sem o¹⁷ cuidar, outros tantos pobres obreiros, que só nas horas da noite é que¹⁸ tomavam um pouco de somno e descanso, e empobreceu sem proveito, uma das fabricas da natureza. Sim, cada arvore, cada arbusto, cada ervinha é uma officina; numa se fabrica a madeira; noutra, o linho; em outra, o algodão; em outra, a seda; em outra, o pão; em outra, a fructa; em outra, o azeite; em outra, o vinho; nestas os remedios; naquellas, os regalos; em outras, o ar vital, que nos alarga os peitos, restituindo-nos, com a saude, serenidade e satisfação.

Antonio Feliciano de Castilho (1800-1875).

¹ É a scieneia dos phenomenos da vida e das funcções dos orgãos, tanto dos animaes como dos vegetaes. Trata-se aqui dos ultimos. ² que pertence ou se refere a botanica. A botanica é a sciencia que tem por objecto o conhecimento dos vegetaes. ³ o mesmo que garganta, guelas. ⁴ pronuncie *trakeias*. A trachea nos animaes é o canal que dá passagem ao ar durante a

31 — O sineiro (pag. 66 na 4.^a ed.)

Uma pancada retumbante e sonora no sino grande, a qual se repetiu lentamente algumas vezes, foi como um mensageiro, despedido por montes e valles, a annunciar um dia de repouso e folgares para o homem do campo, curvado, sob o sol ardente, nas ceifas e mais fadigas ruraes ¹ do estio, durante os longos dias de trabalho.

Era como o romper de vasta symphonia. Gradualmente, os outros sinos misturaram as suas vozes argentinas ² com a do primeiro, e a atmospheria esplendida vibrou ondeando em tempestade de notas, que se cruzavam, cortavam, interrompiam, luctavam com barbara harmonia.

A principio Gabriel, pausado e lento, lançava successivamente uma ou outra mão a esta ou áquella corda; pouco a pouco, os movimentos tornaram-se mais rapidos, e os sons que transudavam ³ por todas as aberturas, pelos minimos poros da torre, começaram a assemelhar-se ⁴ ao granizo ⁵ do noroeste, que, de instante a instante, se torna mais espesso, ao passo que a nuvem corre mais perpendicular. Era, por fim, um delirio, uma furia sonora.

Gabriel, estava tomado de campanomania ⁶; mãos, pés, dentes, tudo repicava ⁷. Enovelado, como um gatinho, que quer agarrar e ao mesmo tempo repellir um dixe ⁸ que colheu ás unhas, o bom rapaz, com os olhos faiscantes, e desvairados, parecia possesso ⁹; trepava, bracejava, careteava ¹⁰, tropeava ¹¹, agachava-se, torcia-se, pulava, volteava, como se estivesse recebendo por todos os lados e a cada instante descargas electricas.

Insensivel ¹² á matizada ¹³ infernal que lhe estrepitava nos ouvidos, Gabriel dirigia palavras de amor, de ameaça, de incitamento aos sinos, como se elles pudessem ouvi-lo. Queria communicar-lhes o seu ardor, o seu entusiasmo de dilettante ¹⁴, e, como se o en-

tendessem, dir-se-hia que, no continuo vae-vem, elles oscillavam tremulos de prazer e tentavam desprender da torre os braços robustos e voarem ¹⁵ como as aves, que tambem soltavam livremente as suas harmonias pela amplidão dos céos.

Alexandre Herculano (1810-1877).

¹ pertencentes aos campos. ² que sôam como prata. ³ transudar é passar o suor atravez dos poros d'um corpo. No sentido figurado: coar-se, verter, derramar. ⁴ § 224,4). ⁵ saraiva. ⁶ é vocabulo composto de *campana* (campa, campainha, e por extensão: sino, sineta), e *mania*, ou aferro habitual a alguma coisa. ⁷ § 119, f. ⁸ berloques, enfeite, ornato frivolo. ⁹ endemoninhado. ¹⁰ fazia caretas. ¹¹ tropear é fazer ruido com os pés, andando. Diz-se geralmente dos cavalloos. ¹² § 132. ¹³ estrondo, bulha, ruido. ¹⁴ Amador de bellas-artes, especialmente de musica. É a palsyra italiana. ¹⁵ § 237, d) *Obs.*

32 — Benções (pag. 65 na 4.^a ed.)

Bem hajas, oh luz do sol,
 Dos orphãos gasalho e manto,
 Immenso, eterno pharol
 D'este mar largo de pranto !

Bem hajas, agua da fonte,
 Que não desprezas ninguem !
 Bem haja a urze do monte,
 Que é lenha de quem não tem !

Bem hajam rios e relvas,
 Paraiso dos pastores !
 Bem hajam aves das selvas,
 Musica dos lavradores !

Bem haja o reino dos ceus,
 Que aos pobres dá graça e luz !
 Bem haja o templo de Deus,
 Que tem sacramento e cruz.

Bem haja o cheiro da flôr,
 Que alegre o lidar campestre ;
 E o regalo do pastor,
 A negra amora silvestre !

Bem haja o repouso á sesta
 Do lavrador e da enxada ;
 E a madre-silva modesta,
 Que espreita á beira da estrada !

Triste de quem der um ai
 Sem achar echo em ninguem !
 Felizes os que têm pae,
 Mimosos os que têm mãe !

Thomaz Ribeiro (*escriptor contemporaneo*).

33 — A flôr (pag. 69 na 4.^a ed.)

Despontou o botão ! Cresceu, entreabriu, còrou, desapertou-se, desdobrou-se de todo : eis a flôr ! As côres, o cheiro, as fôrmas encantadoras d'esta ephemera ¹ maravilha, appellidada flôr, namoram até aos espiritos ² mais rusticos, ou menos reflexivos ³.

O camponez se detem para a considerar ; o menino, que ainda não falla, a pede por acenos ; a formosa a cubiça para se alindar ; mil insectos e vermes ⁴ folgam de se ir embalar nella aos zephiros ⁵ ; a ave a espreita do seu ninho ; a abelha lhe vae pedir mel ; os olhos do velho, uma saudade ; o pintor se apressa de a retratar : a floreira, de a desculpir ⁶ ; o destillador, de lhe recolher o espirito em crystaes ; o sabio, de a descrever e estudá-la, emquanto o poeta lhe deve e lhe consagra um canto intimo, e o religioso extrae d'ella uma das suas orações mais fervorosas.

Não podendo ⁷ cantá-la, como o poeta, adoremos

como o religioso e repitamos, apoz ⁸ o sabio, alguma parte dos phenomenos ⁹ que ahi vão.

*

A escala de matizes e a de fragancias das flôres, as suas harmonias, já mutuas, já com o restante da natureza, não excitam ainda assim tantos pasmos ¹⁰ como a variedade de configurações que o Creador andou burilando ¹¹ nas flôres, e quantas não parecem arremedar com graça alguns outros objectos da natureza ou da arte!

São estrellas, são sóes em miniatura ¹², são botões de oiro, são amphoras ¹³, são açafates e cestinhos, são trombetas, são olhos e bôcas, são madeixas, são abelhas, moscas, borboletas, mil insectos, mil reptis, cisnes, aguias, pombas, pelicanos ¹⁴, coelhos, até a figura humana. O martyrio bem conhecido é de todos ¹⁵. Orchideas ou orchidaceas ¹⁶ se chamam entre os botanicos ¹⁷ as plantas em que estes floridos gracejos são mais frequentes.

Antonio Feliciano de Castilho (1808-1875).

¹ Que não dura mais que um dia; e por extensão: que tem curta duração, passageira transitoria. ² § 120. ³ Que reflecte, que medita, que pensa. ⁴ Bichos, nome vulgar dado ás larvas, ou lagartas de muitos insectos, quando são desprovidas de patas. ⁵ Brisa, viracão, vento brando e agradável. ⁶ cinzelar, lavar. ⁷ § 238,2). ⁸ depois de, atraz de. ⁹ tudo que está sujeito á acção dos nossos sentidos, ou que nos impressiona de um modo qualquer. ¹⁰ admiração, espanto ¹¹ § 82, a). ¹² qualquer coisa em ponto pequeno. ¹³ vaso de barro com duas azas, com o fundo ponteagudo, e de que os antigos gregos e romanos se serviam para os usos domesticos. ¹⁴ aves aquaticas, que tem por baixo da mandibula inferior um sacco membranoso muito elastico onde guarda as suas provisões de comida e bebida. ¹⁵ § 143. ¹⁶ pronuncie *orkideas* e *orkidáceas*. ¹⁷ os que sabem batânica, ou se dedicam ao estudo d'esta sciencia, a qual tem por objecto o conhecimento dos vegetaes.

34 — A cigarra e a formiga (pag. 68 na 4^a ed.)

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão,
Achou-se em penuria extrema
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha,
Que trincasse, a tagarella
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto d'ella.

Rogou lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brio,
Algun grão com que manter-se ¹
Té ² voltar o acceso estio.

«Amiga, (diz a cigarra)
Prometto, á fé d'animal,
Pagar-vos antes de agosto
Os juros e o principal ³.»

A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso ajunta:
«No verão em que lidavas?»
Á pedinte ella pergunta.

Responde a outra: «Eu cantava
Noite e dia ⁴, a toda a hora.»
«Oh! Bravo! (torna a formiga)
Cantavas? pois dança agora!»

Manuel Maria Barbosa du Bocage (*Elmano Sadino*, 1765-1805).

¹ Gr. § 244. ² apherese de *até*. ³ capital de uma divida.
⁴ § 123.

35 — Supplicio da Marqueza de Tavora
(pag. 71 na 4.^a ed.)

A aurora do dia 13 de janeiro de 1759 alvorejava uma luz azulada do eclipse ¹ d'aquelle dia, por entre castellos pardacentos de nuvens esfumaradas ² que, a espaços, saraivavam ³ bâtegas ⁴ de aguaceiros glaciaes ⁵. O cadafalso, construido durante a noite, estava humido. As rodas e as aspás ⁶ dos tormentos gottejavam sobre o pavimento de pinho. Às vezes, rajadas de vento do mar zuniam por entre as cruces das aspás e sacudiam ligeiramente os postes. Uns homens, que bebiam aguardente e tiritavam, cobriam com encerados uma falua carregada de lenha e barricas de alcatrão, atracada ao caes defronte do tablado. Às 6 horas e 42 minutos ainda mal se entrevia a faixa escura com umas scintillações de espadas nuas, que se avizinhava do cadafalso. Era um esquadrão de dragões ⁷. O patear cadente ⁸ dos cavallos fazia um ruido cavo ⁹ na terra empapada pela chuva. Atraz do esquadrão seguiam os ministros ¹⁰ criminaes, a cavallo, uns com as togas ¹¹, outros de capa e volta ¹², e o corregedor da côrte ¹³ com grande magestade pavorosa. Depois — uma caixa negra ¹⁴ que se movia vagarosamente entre dois padres. Era a cadeirinha da marqueza de Tavora, D. Leonor. Alas de tropa ladeavam o prestito. À volta do tablado postaram-se os juizes do crime, aconchegando as capas das faces varejadas ¹⁵ pelas cordas ¹⁶ da chuva. Do lado da barra reboava o mugido das vagas que rolavam e vinham chofrar espuma no parapeito do caes. Havia uma escada que subia para o patibulo ¹⁷. A marqueza apeou da cadeirinha, dispensando o amparo dos padres. Ajoelhou no primeiro degráo da escada, e confessou-se por espaço de cincoenta minutos. Entretanto martellava-se ¹⁸ no cadafalso. Aperfeiçãoavam-se as aspás ¹⁹, cravavam-se pregos necessarios á segurança dos postes, aparafusavam-se as roscas das rodas. Recebida a absolvição ²⁰, a padecente ²¹ subiu, entre os dois padres, a escada,

na sua natural attitude altiva, direita, com os olhos fitos no espectaculo dos tormentos. Trajava de setim escuro ²², fitas nas madeixas grisalhas ²³, diamantes nas orelhas e num laço dos cabellos, envolta em uma capa alvadia ²⁴ roçagante ²⁵. Assim tinha sido presa, um mez antes. Nunca lhe tinham consentido que mudasse camisa nem o lenço do pescoço. Receberam-na tres algozes no tôpo da escada, e mandaram-na fazer um giro no cadafalso para ser bem vista e reconhecida. Depois, mostraram-lhe um a um os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miudo como haviam de morrer seu marido, seus filhos, e o marido de sua filha. Mostraram-lhe o maço de ferro que devia matar-lhe o marido a pancadas na arca ²⁶ do peito, as tesouras ou aspas em que se lhe haviam de quebrar os ossos das pernas e dos braços ao marido e aos filhos, e explicaram-lhe como era que as rodas operavam no garrote ²⁷, cuja corda lhe mostraram, e o modo como ella repuxava ²⁸ e estrangulava ao desandar do arrôcho. A marqueza então succumbiu, chorou muito anciada, e pediu que a matassem depressa. O algoz tirou-lhe a capa, e mandou-a sentar num banco de pinho, no centro do cadafalso, sobre a capa que dobrou devagar, horrendamente devagar. Ella sentou-se. Tinha as mãos amarradas, e não podia compor o vestido, que caíra mal. Ergueu-se, e com um movimento do pé concertou a orla da saia. O algoz vendou-a ²⁹, e, ao pôr-lhe a mão no lenço que lhe cobria o pescoço, — *não me descomponhas* — disse ella, e inclinou a cabeça que lhe foi decepada pela nuca, de um só golpe.

Camillo Castello Branco (*escriptor contemporaneo*).

¹ § 141. ² semelhantes a rolos de fumo. ³ açoitavam como saraiva. ⁴ pancadas d'agua. ⁵ gelados, excessivamente frios. ⁶ especie de cruz em fórmula de X, tambem chamada cruz de Santo André. ⁷ soldados de cavallaria, que manobravam tambem a pé. ⁸ cadenciado, isto é, com regularidade de movimentos. ⁹ cavernoso. ¹⁰ magistrados. ¹¹ a vestidura do ma-

gistrado, beca. ¹² bacalhaus, ou tiras de panno ou rendas, pendentés do pescoço. ¹³ magistrado cujas attribuições eram em parte correspondentes ás do actual juiz de direito. ¹⁴ § 113. ¹⁵ acoitadas. ¹⁶ diz-se cordas d'agua quando a chuva cae formando grossos jorros. ¹⁷ logar onde se padece pena de morte. Raiz *pat*, que exprime a idéa de estar estendido, descoberto, comp. *patena*, *patente*, *patentear*, *pateo*, etc. ¹⁸ § 192, c. ¹⁹ 192, b. ²⁰ § 249, obs. ²¹ pessoa que foi condemnada á morte e vae ser executada. (Vem de *padeecer*). ²² § 144. ²³ Mescladas de branco e preto. ²⁴ tirante a alvo, cinzento-claro. Comp. *alva*, *alvacento*, *alvor*, *alvura*, *alvorecer*, *alvar*, *albino*, *albumina*, *albatroz*, etc. ²⁵ que arrasta pelo chão (Comp. *roçagar*, *roçar*); rica, vistosa. ²⁶ cavidade delimitada pelas costellas; thorax. Chama-se tambem arca do corpo ou simplesmente arca. ²⁷ arrôcho com que se apertava a corda que estrangulava os condemnados. O supplicio da estrangulação sem suspensão é ainda usado em Hespanha. Entrs nós foi abolida a pena de morte ha muitos annos. ²⁸ puxava para traz de si. ²⁹ tapou-lhe, cobriu-lhe os olhos com uma venda, ou faixa.

36 — O pardal no viveiro dos canarios

Um pardal, que entre os pardaes
 Por gran ¹ musico passava,
 Que em chaminé ferrugenta
 Continuamente chiava,

Em louvores enfunado, ²
 De mor ³ fama cubiçoso, ⁴
 Num viveiro de canarios
 Entrou ledó ⁵ e presumpçoso.

Sacudindo ⁶ as sujas pennas,
 Trinou famosa chiada,
 Que os canarios applaudiram
 Com solemne pateada.

Ao som do funebre encomio ⁷
 O altivo pardal gritou:
 — «Que insolencia! a mim taes vivas! ⁸
 A tal cantor como eu sou!»

— Seja embora (lhe respondem)
 Quanto inculca, e muito mais;
 Mas olhe, senhor pardal,
 Que isso é lá entre os pardaes.»

J. V. Pimentel Maldonado (1773-1838).

¹ *grande*; perdeu a ultima syllaba pela fig. apócope. ² cheio inchado (diz-se das velas do navio em relação ao vento), e no sentido figurado: ensoberbecido, cheio de vaidade. ³ *maior*; perdeu as letras *ai* pela fig. syncope. ⁴ § 155, a. ⁵ alegre contente, jubiloso. ⁶ § 238,1). ⁷ § louvor, elogio. ⁸ § 113.

37 — Vasco da Gama

Filho de Estevão da Gama e de D. Isabel Sodré, nasceu Vasco da Gama em 1469; e tinha de idade vinte e oito annos quando el-rei D. Manuel o chamou para commandar a esquadra que enviava em descobrimento da India.

A 8 de julho de 1497 saiu a esquadra de Belem; e, depois de atravessar os mares africanos, dobrar o cabo da Boa Esperança, esquivar-se habilmente aos ardis e malévolas intenções dos moiros que negociavam pela costa oriental da Africa, chegou a Calicut, na India, a 29 de maio de 1498. Ainda ahí teve que lutar com as perfidias dos moiros commerciantes; e, regressando a Portugal, chegou a Belem a 29 de agosto de 1499, tendo perdido mais da terça parte da tripulação dos seus quatro navios, mas tendo tambem levado a cabo a grande empreza a que os portuguezes não cessavam de aspirar, desde que o infante D. Henrique os lançára na senda aventureosa das navegações e dos descobrimentos.

A India estava, pois, aberta á ambição portugueza; o mundo oriental, meio envolto no véo do mysterio, agora que uma nova e ampla estrada se lhe rasgára

lá pelas solidões do Atlantico, ficava patente ao commercio e á civilisação do Occidente ; o campo da sciencia ampliava-se ; e Portugal, se d'esse descobrimento colhia apenas uma prosperidade passageira, d'elle auferia ² em trôco immorredoura gloria.

Segunda vez voltou Vasco da Gama á India no anno de 1502 ; e, se na primeira viagem, dispondo apenas de poucos soldados e de uma frota destinada a luctar com o Oceano e não com os homens, tivera de padecer algumas humilhações, nesta segunda fez sentir aos régulos ³ da Africa e do Indostão, quanto era perigoso insultar os portuguezes.

Não lhe faltou D. Manuel com as recompensas devidas, nomeando-o conde da Vidigueira e almirante do mar da India, concedendo-lhe o titulo de Dom e uma pensão de mil escudos ⁴; mas depois olvidou ⁵ o grande homem com a sua costumada ingratição, e nunca o escolheu para governar a India. D. João III reparou a injustiça, nomeando-o em 1524 vice-rei d'esses Estados, que elle fôra procurar através de mil perigos, com animo inquebrantavel. Não desfructou muito tempo a sua nova dignidade, porque, tendo chegado á India em setembro, veio logo a fallecer a 25 de dezembro d'esse mesmo anno.

M. Pinheiro Chagas (*escriptor contemporaneo*).

¹ caminho estreito. Fig. pratica. ² obter. ³ pequeno rei; chefe. ⁴ moeda antiga portugueza. ⁵ esqueceu.

38 — Um templo indiano

Seis columnas o portico sustentam ;
Entre uma e outra, em pedestaes erguidas,
Bronzeas estatuas vêem, que representam
Divindades pagãs ¹, desconhecidas,

Que temor e esperanças alimentam
 Nas gentes ² d'Asia, em sombras envolvidas ;
 Enleados os lusos se suspendem,
 Nem de assombro e de susto se defendem.

Sobre leões de bronze alto s'erguiam
 Funestas ³ urnas d'inscrições coalhadas ;
 Em torno aureas alampadas, que ardiam,
 Lhes espancam ⁴ as sombras carregadas ;
 Com desusado assombro os nautas ⁵ viam
 Em duro jaspe effigies ⁶ entalhadas ⁷
 De reis, qu'inda no rosto immobil, quedo,
 Inculcam magestade, inspiram medo.

Padre José Agostinho de Macedo (1761-1731).

¹ Do L. *paganus*, aldeão, porque depois dos habitantes das cidades se haverem convertido ao christianismo, a gente do campo continuou por muito tempo no culto dos antigos deuses. Do primitivo *pagus* aldêa, se derivam : paiz, *agem*, *agista*, *ano*. ² povos, nações. ³ funerarias, usadas em funeraes. ⁴ verbo frequentativo (§ 97. *d*) que no *fig.* significa *afugentar*, *repellir*, *desfazer*. ⁵ marinheiros, navegantes (poetico). Cp. *naut a*, *-ica* (*s.*), *-co* (*adj* e *s.*), *-ilo* ; *naulo* (frete de navio ; dinheiro que se mettia na bocca do defuncto para pagar a passagem do Estygio, rio do inferno) ; *naus-ea* (prop. enjôo no mar), *-eabundo*, *eante*, *-ear*, *-eativo*, *-eento*, *-eosamente*, *-eoso* ; *aeronauta* (*aer*, *ar*) ; *argonauta* (*Argos*, navio em que 52 principes gregos, os argonautas, debaixo do mando de Jason, foram á conquista do Vellocino, ou tosão d'ouro, pelle d'um carneiro fabuloso). ⁶ figuras, imagens (L. *fingere*, *fictum*, formar, representar, *fig.* imaginar). C. *fin*gi-*r*, *-diço*, *-dor*, *-mento* ; *fic-ção*, *-cionista* ; *fict-o*, *-il*, *-icia*. ⁷ cinzeladas, gravadas, esculpidas, abertas em relevo. «Figuras pintadas em quadros, esculpidas em pedra, entalhadas em madeira, tecidas em tapizes» disse o padre Vieira. Comp.: *talha* (côrte em madeira — *obra de talha* — *entalha*).

talh-o, -ar, -ador, -adura, -ada, -adia, -adeira, -aria, -arim
 en » » » » » -e, -amento.
 re » » » » » -eiro.

39 — Os preparativos do Alma-negra

O Melro, ás oito da noite, quando os freguezes desalojaram, fechou a taverna; e, espreitando se os pequenos dormiam, disse á mulher:

— A casa do Cambado é nossa, mas é preciso vindimar o Zeferino...

— Credo! — exclamou a mulher com as mãos na cabeça — Nossa Senhora nos acuda!

— Leva rumor! — e punha o dedo no nariz.

— Ó Joaquim, ó marido da minha alma, alembra-te dos tres annos que penaste na cadeia! Olha para aquelles quatro filhos!...

— Já te disse que me não cantes — e relançava-lhe o seu formidavel olhar vêsgo incendiado com os lampejos da candeia em que afogueava o cachimbo de pau. Depois, foi tirar d'entre a cama de bancos e a parede uma velha clavina. Sentou-se á lareira e disse á mulher que tivesse mão na candeia. Enroscou o sacatrapo na penta da vareta de ferro e descarregou a arma, tirando primeiro a bucha de musgo, e depois, voltando o cano, vasou o chumbo na palma da mão.

— Ó Joaquim, vê lá o que vâes fazer! — insistia a mulher, limpando os olhos com a estopa da camisa. Elle assobiando o hymno da Maria da Fonte, despejava a polvora da escorva, desaparafusava a culatra e tirava as duas braçadeiras. A mulher soluçava, e elle, cantando numa surdina rouca:

Leva ávante portuguezes,
Leva ávante, e não temer...

— Pelas chagas de Nosso Senhor, lembra-te dos nossos pequenos.

E o Melro, numa distracção lirica:

Pela santa liberdade,
Triumphar ou padeçer...

Depois, bufava para dentro do cano e punha o dedo indicador no ouvido da culatra para sentir a pressão do sopro, que fazia um fremito aspero, impedido pelas escorias nitrosas. Pediu á mulher umas febras de algodão em rama, enroscou-as numa agulha de albarda e escarafunchou o ouvido do cano.

— Está suja — disse elle — dá cá um todonada de aguardente.

— Joaquim, vamo-nos deitar, pelas almas! Não te desgraces!

— Traz aguardente e cala-te, já t'o disse, mulher, com dez diabos! — E poz-se a assobiar a *Luizinha*. Enroscou algodão embebido em aguardente no sacatrapo e esfregou repetidas vezes o interior do cano até sahirem brancas e sêcas as ultimas farripas da zaracoteia. Soprou novamente e o ar sahia sem estorvo pelo ouvido com um sibillo equal. Parecia satisfeito, e cantarolava, a meia voz :

Agora, agora, agora.
Luizinha, agora.

Armou a clavina, aparafusou as braçadeiras, a culatra e a fecharia, introduzindo a agulha. Aperrou e desfechou o cão repetidas vezes, acompanhando o movimento com o dedo pollegar, para certificar-se de que o desarmar, a caxêta e o fradête trabalhavam harmonicamente. Levantou o fusil de aço, que fez um som rijo na mola, e friccionou-o com polvora fina; e, com o bordo de um navalhão de cabo de chifre, lascou a aresta da pederneira, que faiscava.

— Valha-me a Virgem! valha-me a Virgem! soluçava a mulher.

E elle, zângado com as lastimas da mulher, com expansão raivosa :

E viva a nossa rainha,
Luizinha,
Que é uma linda capitôa...

— Vae á loja, atraz da ceira dos figos, e traze o maço dos cartuchos e uma cabacinha de polvora de escorvar que está ao canto.

A mulher dava-lhe as coisas, a tremer, e fazia invocações ao Bom Jesus de Braga, e ás almas santas bemditas. Elle encarou-a de esconso, e regougou :

— Mau ! . . . mau ! . . .

Carregou a clavina com a polvora de um cartucho ; bateu com a cronha no sobrado, e deu algumas palmadas na recamara para fazer descer a polvora ao ouvido. Fez duas buchas do papel do cartucho, bateu as com a vareta ligeiramente, uma sobre a polvora e a outra sobre a bala.

Agora, agora, agora,
Luizinha, agora.

Depois, pegou da clavina pela guarda-matta, e poz-se a fazer pontarias vagamente, passeando um olho, com o outro fechado, desde a mira ao ponto.

A mulher fôra sentar-se no sobrado, á beira da enxerga de tres filhos a chorar ; o mais novo esperneava, dava vagidos na cama a procura-la. O *Almanegra* fôra dentro beber uns tragos de aguardente, voltou enroupado num capote de militar, despojo das batalhas da *Maria da Fonte*.

— Ora agora — disse elle — ouviste ? porta da cozinha e a cancella da horta aberta, porque eu venho pelo lado do pinhal.

— Vae com Nossa Senhora — disse a mulher — e pôz-se de joelhos, a uma estampa do Bom Jesus, a rezar muitos *Padre-Nossos* a fio.

40 — Fabula

Um dia os deuses, cada qual, uma arvore
 A' sua guarda consagravam. Jupiter
 Esse o carvalho, a murta Venus, Hercules
 Lá esse o alamo, e o loureiro Apolo.
 Vendo-as Minerva todas infructiferas ;
 «Que é isto?» exclama. Jupiter acode-lhe ¹:
 «Senão diriam, filha! que as guardavamos
 Só pelo fructo». — «Que me importa? digam-no ;
 É pelo fructo que a oliveira escolho».
 — «Minerva! brada o pae d'homens e deuses,
 És quem, de todos, sabes mais, sem duvida ;
 No que não luza... mal fundada gloria».

Honra sem proveito
 Faz mal ao peito.

João de Deus (*escriptor contemporaneo*).
 Traduzido de Phedro, poeta latino.

¹ responde-lhe logo.

41 — A armadura dos cavalleiros no seculo XII

Apenas os peões ¹ e servos, concluida a sua obra ²,
 que os alvazis ³ tinham descido a examinar e appro-
 var, saíram da liça, entraram nella vinte cavalleiros
 montados em cavallos de batalha e armados como para
 combate. Traziam lanças de infanções ⁴ ou apendoadas,
 isto é, ornadas a curta distancia do ferro de bandeiro-
 las de côres, distinctivo que nas mesnadas ⁵ só era
 permittido usar aos nobres de linhagem ⁶. Debaixo das
 sobrevestes brancas vestiam a armadura d'aquelle
 tempo, em que ainda não existiam ou eram demasiado
 raros os arnezes ⁷ lisos, tão elegantes, tão esplendi-
 dos de brilho e de côres, que se tornaram communs
 nos seculos xiv e xv. A armadura d'então era o longo

saio⁸ de malha de ferro e cervilheira⁹ do mesmo tecido, que cobria o pescoço e que vinha ligar-se nos hombros com o capello de ferro, especie de elmo¹⁰ cuja visagem ou viseira¹¹ ainda não era movel, o que dava ao homem de guerra, visto a certa distancia e sem a sobreveste, a aspecto de um jacaré¹² erguido sobre a cauda. Uma cobertura de sirgo ou seda caía pelas ancas, peitos e pescoços dos cavallos, terminando em franjas orladas de guizos e cascaveis¹³. Os escudos ovados, quasi eguaes no comprimento á estatura do cavalleiro, e geralmente lisos e escuros, offereciam no centro uma como pequena pyramide de ferro azera lo¹⁴, que na peleja tambem servia de arma offensiva, quando o homem d'armas, posto a pé por qualquer accidente, podia bater com o escudo no saio ou na cervilheira do adversario. Uma espada curta, larga e direita, sem guardamão¹⁵, cingida ao peito e inclinada para traz por cima do quadril, a lança e um punhal delgado e comprido, chamado misericordia, eram as armas que não largava nunca o homem de guerra nobre; porque as mais pesadas, que serviam nos casos extremos,¹⁶ taes como a acha d'armas¹⁷ ou o montante¹⁸, trazia-lh'as, de ordinario, o pagem ou escudeiro, cuja denominação provinha de conduzir o escudo do amo mettido num envoltorio ou sacco, chamado funda, prestes sempre a ajudar-lhe a embarcá-lo¹⁹ antes de começar qualquer recontro ou peleja.

Alexandre Herculano (1810-1877).

¹ homens que andam a pé, soldados de infantaria (por opposição a cavalleiros). ² § 241,2). ³ correspondiam aos vereadores de hoje. ⁴ pequeno titulo antigo de nobreza. ⁵ os cavalleiros e mais agentes de guerra que serviam sob as ordens do rei ou de algum nobre. ⁶ de nascimento. ⁷ arnez se chamava á armadura completa de um homem d'armas. ⁸ veste larga com abas, que cobria o corpo até aos joelhos. ⁹ armadura que defendia a cabeça. ¹⁰ capacete, peça de armadura que protegia a cabeça. ¹¹ parte do capacete que descia sobre o rosto para o encobrir e resguardar dos golpes. ¹² especie de crocodillo da

America. ¹³ guizos. ¹⁴ azeirar, aceirar, acerar, é dar ao ferro a tempera do aço. ¹⁵ arco que nasce dos copos da espada e termina na maçã. ¹⁶ extraordinario. ¹⁷ arma com o feitio da machada ¹⁸ grande espada que se brandia com ambas as mãos para acutilar por alto, pelo que tambem se lhe dava o nome de *espada de amba-las mãos*. ¹⁹ embaraçar quer dizer segurar mettendo no braço pela abraçadeira, ou braçadeira, que era uma correia na parte interior do escudo para enfiar o braço.

42 — Infancia

Quando eu era pequenino
 (Tinha um covado ¹ de altura ;
 Em me isto lembrando ², choro,
 E no choro acho doçura),

Era o brinquinho de todos,
 Era da casa o regalo ;
 A mãe me trazia ao collo,
 O pae no hombro a cavallo.

Tristezas, penas, cuidados,
 Eram tanto para mim
 Como os risos de Glycéra,
 Como o dinheiro e o latim.

Fazia idéa do mundo
 Ser mais pequeno do que é :
 Mas suppunha-o ² mais alegre,
 E cheio de boa fé.

Nuvem da aurora ou poente
 Sempre cuidei ser papoilas,
 O iris, ⁴ pedras mui finas, ⁵
 As estrellas, lentejoilas.

Custava-me em tantas joias
 Não poder pôr as mãozinhas : ⁶

Que inveja vos tive ás azas,⁷
O' mosquitos e andorinhas!⁸

Se um monte apanha a lua,
Quem me lá dera, dizia,
A vêr se é bem redondinha,
E de que é feita, e se é fria!

Pois o sol?! como eu scismava
De o vêr cada tarde ao certo
Ir todo alegre apagar-se
No mar doirado e deserto!

E logo a manhã seguinte,
Das nuvens rasgando o véo,
Trazê-lo de novo acceso,
Já d'outra parte do céo!

Mil coisas então pensava,
No meu juizinho estreito,
Ácerca do Pae celeste,
Que ao sol e a mim⁹ tinha feito!

Com devoção de creança
Punha as mãos e ajoelhava,
E as orações repetia,
Que a boa mãe me ensinava!

«Pae do céo, fazei que eu siga
As santas leis que me daes,
Que seja amigo de todos,
Que vos agrade, e a meus paes.»

Depois rezava por elles,
Por minha irmã, pela gente
Que morava em cada choça
Da nossa aldeia innocente;

Pelo rei, que eu nunca vira,
E velhos pobres, que eu via
Pagar-nos com suas rezas
A esmola de cada dia...

Tempos de paz e de gôsto!
De vós que resta?... A saudade;
Esta ao menos, Deus piedoso,
Me conserva em toda a idade.

Antonio Feliciano de Castilho (1800-1875).

¹ Leia *côvado*. É uma medida antiga de comprimento, igual a 0^m,66. ² 240 *b*. ³ § 187 e § 188. *a*. ⁴ ou arco iris, vulgarmente chamado arco da velha. ⁵ § 113. ⁶ § 94, *Obs*. ⁷ § 130 *a*. ⁸ § 111,3. ⁹ § 120.

43 — No Minho

O livro a que nesta noticia me refiro ¹, menos importante talvez que os anteriores, mas de certo não menos attractivo ², abrange as impressões de viagem na mais fecunda e abençoada região do nosso formosissimo paiz.

Lendo-se estas saudosas reminiscencias, vêem-se risonhos quadros de ineffavel ³ brandura, os rios, os valles, as montanhas, os arroios perennes, os frondosos arvoredos, a natureza, enfim, na immensidade das suas scenas, no infinito dos seus encantos, na harmonia das suas leis immutaveis. Encontram-se homens laboriosos energicos, arrojados, entusiastas, pertinazes, traduzindo na physionomia, nas palavras e em todos os seus actos, a franqueza, a benevolencia e a probidade. Admiram-se mulheres formosas e gentis com as faces rosadas, vermelhos os labios, os rostos alegres, as graças da saude, a expressão de meiguice e de bondade, que maravilhosamente se coaduna ⁴ com a poesia do paraizo em que nasceram. Veneram-se os

padrões⁵ e monumentos das gerações extinctas, os paços, os castellos, os mosteiros, os sanctuarios, as cathedraes, as parochias, os sepulchros, as pontes, as torres, os cruzeiros, todos esses livros de pedra onde se descobrem indicios dos factos notaveis, das tradições poeticas de tempos que bem longe estão dos nossos. Adivinha-se, finalmente, que a felicidade só consiste nas amenidades tranquillas e scismadoras da paz interior, no cumprimento do dever, no intimo e crente enlevo das affeições verdadeiras.

Formoso livro este de que estamos dando succinta⁶ informação. Vêem-se ainda nelle, como num fascinador espelho de mil faces, a graciosa villa de Visella, a que servem de tapete as floridas margens do rio: Guimarães, o nobre e antiquissimo burgo, onde as ruinas do mosteiro de D. Muma e do castello do conde Henrique nos trazem naturalmente á memoria o viver e crer dos primeiros annos da monarchia; Braga⁷, que reúne aos seus velhos monumentos, labyrintho de concepções architectonicas, os hodiernos⁸ e magnificos edificios, testemunho de progresso e de riqueza. Vêem-se o immenso panorama do Bom Jesus e a grandiosa solidão da serra do Extremo; o rio Lima, serpeando por entre choupos e salgueirae, e banhando casarias, quintas, almoínhas⁹, veigas e prados viçosos; e o rio Minho, uniforme, austero, melancholico, correndo rapidamente por entre as sombras fechadas do arvoredosilvestre, e alargando-se em magestosa enseada, ao aproximar-se da foz.

Vêem-se, emfim, ora no primeiro plano, ora na penumbra, Ponte de Lima, Vianna, Arcos de Val de Vez, as serranias do Suajo, cujos habitantes conservam obstinadamente o caracter e usanças de outros tempos, Monção, Valença, Caminha e as differentes villas, aldeias, arrabaldes, logarejos da pittoresca provincia, onde Silio Italico¹⁰ o cantor da segunda guerra punica¹¹, figurou o rio que, com suas aguas, fazia esquecer as penas da existencia.

No encadeamento harmonioso d'esta successão de pinturas, consegue sempre o auctor apropriar o estylo aos variadissimos assumptos a que se refere. Difficil triumpho, que constitue ¹² um dos grandes merecimentos do seu trabalho.

Ignacio F. Silveira da Motta (*escriptor contemporaneo*).

¹ No *Minho* por D. Antonio da Costa. Este trecho é tirado de um excellente artigo de critica litteraria ácerca d'esta obra, e que se encontra nas *Horas de Repouso*. ² ou attrahente: que chama a attenção e sollicita o affecto; agradavel. Da mesma raiz formaram-se:

abs	TRAHI- <i>r</i>	TRACT- <i>o ivo</i>	TRACÇ- <i>ãõ</i>
a	TRAHE- <i>nte</i>	» » <i>dor, mento,</i>	» »
con	» »	» » » <i>ivel</i>	» »
dis	» »	» »	» »
ex	» » <i>vel</i>	» » <i>or</i>	» »
re	» »	» » <i>il</i>	» »
sub	» »	» »	» »

³ que se não pôde exprimir. Raiz *fa* do v. lat. *fari* fallar. Comp. *affavel* (pref. *ad*, lat. *affabilis* a quem se pôde facilmente fallar) *affabillidade*; *facundia* (facilidade de fallar), *fecundo*; *prefacio* lat. *praefatio*, acção de fallar antes; pref. *prae*, antes), *prefaciar*, *prefação*. ⁴ combina, condiz. ⁵ pedra, ou columna com armas, ou inscripção para memoria de algum successo. (Significa ainda: typo, modelo; e titulo authenticico). ⁶ curta, breve. São da mesma raiz: *CINCT a, -ar, eiro, o, -ura, urão* (palavras que tambem se escrevem sem *c* antes do *t*); *precint ar, o* (ou com *ct*; *recingir, recinto*). ⁷ é da fórma latina *Bracaru* que se deriva *bracarense*, natural de Braga. ⁸ actuaes, modernos. ⁹ quintaes. ¹⁰ poeta latino (25-100). ¹¹ *guerras punicas*, nome de tres grandes guerras entre Roma e Carthago; a segunda foi entre 218 e 222 a. Christo. ¹² que fórma. A raiz *stit* é analogá á raiz *sta*. Com esta raiz e os pref. *con, de, in, re, sub*, forme verbos e seus derivados.

44 — O bom reitor (pag. 129 na 4.^a ed.)

Sabem a historia triste
Do bom reitor?
Misero, toda a vida
Levou com dôr.

Fez quanto bem podia,
Mas... a final
Morre, e na pobre campa
Nem um signal,

Nem uma cruz ao menos
Se ergue do chão!
Geme-lhe só no tumulto
A viração.

Vêdes além, na relva
Junto ao rosal,
Flôres que ha desfolhado
O vendaval?

Cobrem-lhe a lousa humilde:
A criação
Paga-lhe assim a divida
De compaixão.

Pobres, que amava tanto,
Nunca, ao passar,
Choram, curvando a fronte
Para rezar.

Nunca, ao romper do dia,
O lavrador
Pára e lamenta a sorte
Do bom reitor.

As criancinhas nuas,
Que estremeceu,¹
Já nem sequer se lembram
Do nome seu.

No salgueiral vizinho,
Ao pôr do sol,
Vae-lhe carpir saudades
O rouxinol.

Lgrimas... pobre campa!
 Ai, não as tem;
 Só da manhã o orvalho
 Rociá-la vem.

Da solitaria lua
 A triste luz
 Grava-lhe, em vagas sombras,
 Extranha cruz.

E elle repousa, dorme,
 Vive no céo;
 Dorme esquecido e humilde,
 Como viveu.

Joaquim Guilherme Gomes Coelho (*Julio Diniz*, 1839-1871).

¹ amar muito

45 — Enterro de Christo

Uns tantos homens, á hora em que os ultimos fumos do crepusculo da tarde cedem já ás primeiras trevas da noite, despregaram d'uma cruz o cadaver d'um justicado, ungiram-no ¹ de perfumes, cingiram-lhe uma mortalha, alevantaram no depois nos braços musculosos e levaram-no d'alli pelas agras ² asperidades d'uma encosta e por entre as melancholicas oliveiras d'um valle adjacente ³, até á espalda da collina fronteira. Chegaram e depozeram-no lá.

Ao clarão da lua, que subisse lentamente no horizonte, seria facil distinguir então estas quatro coisas, naturaes, vulgarissimas: perto da bronca ⁴ elevação de uma rocha, que sombreava as claras ondulações ⁵ d'aquelle terreno, o corpo d'um pobre morto cingido nas dobras do seu lençol; a curta distancia, a custosa remoção de uma pedra sepulchral a esforço d'alguns homens; um pouco adeante, o pequeno grupo d'algu-

mas mulheres que soluçavam e gemiam ; e mais além, no alto d'um monte, dominando tudo, os braços nus d'uma cruz solitaria, viuva do misero a que se tinha unido nos monstruosos esponsaes da morte legal. Depois, o cadaver passou ás sombras da sua gruta funeraria, a pedra rodou para o seu destino, e... mais nada.

As correntes murmuravam ao longe a eterna canção monotonica do movimento das aguas ; as usuaes vaporações da combustão nocturna fumavam ainda na cidade, disposta a reparar num somno placido as forças gastas na fatigante labutação do dia ; e a noite começava a dar-se, despreoccupada e livre, á celebração dos seus mysterios.

Antonio Candido (*escriptor contemporaneo*).

¹ untar. Pertencem a esta familia : unguent-o, -aceo -ario, unt-o, -adela, -adura, -ura, unct-o, -adela, -adura -ar, -uoso, -uosidade, -ura, unção. ² azedo ; desagradavel. ³ chegado, vizinho. ⁴ rude, tosca. ⁵ altos e baixos do terreno, semelhantes a ondas.

46 — O filho morto

No povo de além da serra
Vae a noite em mais de meio,
E a pobre da mãe velava
Unindo o filhinho ao seio.

«Acorda, meu filho, acorda,
«Que esse dormir não é teu ;
«É como o somno da morte
«O somno que a ti desceu.

«Tarda-me já um sorriso
«Nos teus labios de rubim ; ¹
«Acorda, meu filho, acorda,
«Sorri te ledo ² p'ra mim».

Mas o pobre doentinho
 Em seu regaço expirou;
 E a mãe o cobriu de beijos,
 E largo tempo chorou.

Em seu pequeno jazigo
 Dois dias chorou também;
 Ao terceiro, o sino triste
 Dobrou³ á morte de alguém.

E á noite, no cemiterio,
 Outro jazigo se via:
 Era a mãe, que ao pé do filho
 Na sepultura dormia.

A. A. Soares de Passos (1826-1860).

¹ ou rubi, pedra preciosa encarnada. ² contente, alegre.
³ soar dando volta sobre o eixo em que o sino está suspenso.

47 — Insurreição e tumulto dos monges do mosteiro de Belem¹

Os monges do mosteiro de Belem, da ordem de S. Jeronymo, vendo² o reino sem monarcha, as justiças sem respeito e os abusos sem castigo, intentaram também prevalecer-se³ da desgraça do tempo para vingarem antigas queixas.

Usando dos poderes de⁴ principe e da auctoridade ecclesiastica de legado pontificio⁵, e violando a regra e observancia⁶ monastica⁷, o cardeal D. Henrique tinha arrogado⁸ a si a nomeação dos prelados⁹ da casa. Pareceu apropriada¹⁰ aos padres a conjunctura¹¹ para sacudirem o jugo¹²; e, juntos em communiidade¹³, foram bater á porta da cella de¹⁴ fr. Manoel de Evora, que exercia as funcções de provincial¹⁵. Abriu-lhes, sobre-saltou-se, e acabou de cair das nuvens¹⁶, quando lhe

disseram que se demittisse logo, porque, não tendo sido eleito ¹⁷ em capitulo ¹⁸, era nulla a sua jurisdiction, competendo-lhes a elles prover e designarem ¹⁹ por suffragio ²⁰ quem os havia de governar.

Resistiu; altercaram; lançou-lhes em rosto a demasia ²¹ e a desobediencia; clamaram; negou-se positivamente a consentir, e viu-se de repente maltratado das ²² mãos dos subditos, preso e encarcerado em um celleiro.

Achou modo de avisar os parentes; uniram-se estes e supplicaram ao nuncio ²³, Alexandre Frumento, que se interpuzesse ²⁴, obrigando os frades a soltarem e reconhecerem o seu prelado.

Responderam com soberba, que o nuncio não era seu juiz. Foi necessario recorrer ao braço secular ²⁵. Informados de motim tão escandaloso e offensivo da humildade religiosa, ás abas ²⁶ da capital, os governadores do reino mandaram aos ministros ²⁷ da cidade, que fossem executar a sentença apostolica ²⁸, acompanhados de tres bandeiras ²⁹ de soldados.

A resistencia dos padres não diminuiu. Cerraram as portas do mosteiro, deixaram as da egreja abertas, e de dentro das grades do côro na capella môr respondiam, cantando os officios divinos, ás advertencias e admoestações dos magistrados.

Por fim a paciencia exauriu-se ³⁰; a tropa entrou no templo e arrombou a grade do côro, que era de pau. Seguiu-se um verdadeiro alvoroço; os guardas forcejando por prender os monges; estes esquivando-se em tropel, ou a um e um, e oppondo as armas espirituaes ³¹ ás temporaes, bullas ³², crucifixos, ceriaes ³³, tocheiros, monitorias ³⁴ e excommunhões ao pulso vigoroso dos perseguidores.

A final, cercados e rendidos ³⁵, foram quasi arrastados em triumpho pelos vencedores ao celleiro onde jazia o provincial captivo, e para maior desgosto tiveram de lhe beijar a mão em publico e de ajoelhar aos seus pés como subditos arrependidos. Entretanto não

se submeteram sem o protesto de que cediam constrangidos pela força, e de que appellariam do nuncio para Roma ³⁶.

L. A. Rebello da Silva (1828-1871).

¹ Este caso de revolta ou rebellião deu-se no interregno que se seguiu á morte de D. Henrique. ² § 238,1). ³ utilizar-se, aproveitar-se. ⁴ § 153 a). ⁵ nuncio enviado pelo summo pontifice junto de qualquer nação. ⁶ cumprimento, disciplina. ⁷ monachal, relativa a monge ou monja. ⁸ apropriado, attribuido a si. ⁹ titulo honorifico de certas dignidades ecclesiasticas. ¹⁰ § 107, b) ¹¹ occasião. ¹² no sentido proprio é a canga com que se jungem os bois; no sentido figurado significa oppressão, sujeição. ¹³ sociedade de pessoas que vivem em commum e se submettem á mesma regra com um fim religioso. ¹⁴ § 149. ¹⁵ chamava-se assim ao superior que tinha o governo de todas as casas religiosas da sua ordem, em uma provincia da ordem. ¹⁶ admirar-se muito, ficar assombrado. ¹⁷ § 239. ¹⁸ reunião ou assembléa de conegos ou outras dignidades ecclesiasticas, para deliberarem. ¹⁹ § 237, b). ²⁰ § 163, a). ²¹ excesso, atrevimento. ²² § 143. ²³ prelado enviado em embaixada pelo papa. ²⁴ § 214,1). Metter-se de per-meio; intervir como medianeiro. ²⁵ o poder ou a justiça civil (oppõe-se a auctoridade ecclesiastica). ²⁶ lugar adjacente, contiguo. ²⁷ magistrados. ²⁸ papal, pertencente ao pontifice ou á curia romana. Diz-se *sentença apostolica*, porque a sentença era dada pelo nuncio representante do papa, successor do apostolo S. Pedro, chefe da egreja catholica e apostolica romana. ²⁹ companhias. ³⁰ exgotou-se, gastou-se toda. ³¹ que pertencem ao poder ecclesiastico, (oppõe-se a temporaes). ³² decretos do papa. ³³ especie de castiças de haste comprida que se levam aos lados da cruz nas procissões e outras cerimoniaes da egreja. ³⁴ avisos, admoestações, reprehensões. ³⁵ § 241,1). ³⁶ isto é, para o papa.

48 — As varas

Um velho sabio e prudente,
Vendo-se vizinho á morte,
Chama tres filhos que tem,
E falla-lhes d'esta sorte;

— «Eia, vêde, amados filhos,
Se quebraes, por força ou geito,
Este emblema»; e tira um mólho
De varas de vime feito.

Ao filho mais velho o dá,
Que se propõe a parti-lo ¹;
Mas, por mais força que emprega,
Nunca pôde consegui-lo.

Pega-lhe o filho segundo,
Destro e valente rapaz,
Que parti-lo não consegue,
Por mais esforços que faz.

Entregam-no ² ao mais pequeno,
Que blasona ³ de mui forte;
Torce-o, dobra-o, córa e sua,
E deixa-o da mesma sorte.

— Fracos moços! diz o pae,
Vossa fraqueza célebro!
Vêde como d'esta idade
Essas varas todas quebro.

Depois, desatando o mólho,
Prompto as varas dividindo,
Com toda a facilidade
Uma a uma as vae partindo.

E diz: — «Vêde neste exemplo,
Filhos do meu coração,
Os desastres da discordia,
E as vantagens da união!

Partir não podeis, ó moços ⁴,
As varas, estando unidas,
Mas, depois de separadas,
São por fracas mãos partidas.

Se unidos vos conservardes,
Assim, ó filhos, sereis,
E aos baldões impios da sorte
Sem custo resistireis ⁵.

Mas, se algum dia a desgraça
Vos chegar a desunir ⁶,
Qualquer de vós aos seus golpes
Não poderá resistir» —

Assim o velho proclama
Esta brilhante doutrina,
E no fim de pouco tempo
Sua carreira termina.

Os filhos choram-lhe a morte ⁷
Com lamentos deploraveis,
Porém lembram-se mui pouco
De seus conselhos saudaveis,

Porque damnoso interesse
Em partilhas os envolve ;
Um credor, outro credor
Os bens paternos dissolve.

Depois, vomitando injurias,
Uns com os outros litigam ⁸,
E os ministros ⁹ com prisões
E com multas os castigam.

Pobres por fim, noite e dia
Com pranto e queixas amaras, ¹⁰
Recordam, mas sem remedio,
O sabio exemplo das varas.

Belchior Manuel Curvo Semmedo (*Belmiro Transtagano*, 1766-1838).

¹ § 58, b. ² § 58, c. ³ alardeia. ⁴ § 111. ⁵ § 130. ⁶ § 224,4). ⁷ § 129, c.) e § 130 a. ⁸ questionam em juizo. ⁹ aqui significa : magistrados, juizes. ¹⁰ amargas.

49 — Conselhos salutaes

Amae a vossos paes, para que vossos filhos vos amem. Se vosso pae, já edoso, vos fôr bater á porta com os dedos hirtos e regelados, não o deixeis esperar lá fóra : abri-lh'a logo com bom rosto, e dae-lhe o melhor logar na lareira para o serão, á mesa a cabeceira, e para a noite a melhor cama.

Amae sobre todas as coisas os pobres ; porque abaixo de pae e mãe, irmãos e irmãs, são os pobres os que mais de vós carecem. Por segunda familia vossa os considerae ; não lhes cerreis nem a porta, nem o coração, nem a bolsa ; dae-lhes sobretudo que fazer, se podeis, porque o trabalho não deshonra o homem, e mantem-no melhor que a esmola. Dar que fazer, é mais e melhor que dar dinheiro ; é a caridade das caridades.

Não vos atasqueis em carnes, pão e fructas, por fórma que percaes a saude, e até a vida ; e desacostumae-vos de bebidas fortes, porque do uso se passa ao abuso, e o abuso enfraquece corpo e alma. O homem, que se embriaga, é mais vil e abjecto que os brutos.

Não praguejeis, para que se não diga que sois rapazes mal creados, e vos não desprezem todos : os amos, recusando-vos serviço, os operarios, não querendo trabalhar comvosco.

Com as mulheres sêde cortezes, pois as vossas mães e irmãs não haveis de querer que vo-las desacatem ; e os velhos respeitae-os, para que tambem a vós vos respeitem, quando a edade, que a todos corre tão veloz, vos houver, meus filhos, branqueado esses cabellos, agora tão bastos e pretos.

Se punirdes os animaes, seja só para os amansar, ou reger, mas não os espanqueis pelo gosto de os maltratar ; fóra cobardia, que não podem, coitadinhos, de-

fender-se; e crueldade, porque tambem se dôem como nós.

Sêde agradecidos. O calor penetra na terra, e desenvolve o grão de trigo; o agradecimento penetra no coração do bemfeitor, e desenvolve o beneficio.

Se os vossos superiores se portam com firmeza, siso e justiça, não desconfieis d'elles, só porque são vossos superiores; nem dos ricos, só pelo serem, uma vez que vos amam, amparam e protegem.

Acostumae-vos a fallar com acerto a lingua materna e communicardes entre vós as idéas e affectos em linguagem pura e perceptivel. O que mais devéras distingue e extrema os povos, não são os usos, os trajos, as religiões, os interesses e as leis; é, sim, a differença do fallar. Esta é a que os personifica, e o que produz, exacerba e perpetúa as antipathias nacionaes. Se toda a humanidade fallasse a mesma lingua, toda ella seria um povo; todos se amariam e se entenderiam como irmãos.

Curae, quanto puderdes, do aceio, tanto em vós, como em vossos vestidos e calçado. Na decencia do corpo se revê a da alma. O que em si é limpo, traz a casa bem ordenada e os negocios a ponto; porque os bons costumes andam casados com as virtudes, como com os vicios o andam os costumes ruins.

Não acrediteis em almas do outro mundo, porque o espirito que vae não volta; nem em feiticeiros e adivinhos, porque são uns velhacos; nem em curandeiros, porque são charlatães; nem nas benzeduras, que fazem aos animaes e á gente, porque os patetas, que vós julgaes possuirem esses privilegios sobrenaturaes, têm tanto poder como vós. Tudo isso são chimeras, que vos enleiam o animo e enxovalham o bom juizo.

50 — Minha mãe !

Da patria formosa distante e saudoso,
 Chorando e gemendo meus cantos de dôr,
 Eu guardo no peito a imagem querida
 Do mais verdadeiro, do mais santo amor :
 — Minha mãe ! —

Nas horas caladas das noites de estio,
 Sentado, sósinho, c'oa face na mão,
 Eu choro e soluço por quem me chamava
 O filho querido do seu coração :
 — Minha mãe ! —

No berço, pendente dos ramos floridos,
 Em que eu, pequenino, feliz dormitava,
 Quem é que esse berço, com todo o cuidado,
 Cantando cantigas, alegre embalava ?
 — Minha mãe ! —

De noite, alta noite, quando eu já dormia,
 Sonhando esses sonhos dos anjos dos céos,
 Quem é que meus labios dormentes roçava,
 Qual anjo da guarda, qual sôpro de Deus ?
 — Minha mãe ! —

Feliz o bom filho, que pôde, contente,
 Na casa paterna, de noite e de dia,
 Sentir as caricias do anjo de amores,
 Da estrella brilhante, que a vida nos guia :
 — Uma mãe —

Por isso eu agora, na terra do exilio,
 Sentado, sósinho, c'oa face na mão,
 Suspiro e soluço por quem me chamava :
 « Oh ! filho querido do meu coração ! »
 — Minha mãe ! —

51 — O pavão

Antigo preconceito ¹ é este de que o pavão todo se ensoberbece, quando o elogiam.

Diz Plinio ² que o pavão comprehende a sua belleza e d'ella se gloria; que, louvado ³, expande ⁴ suas deslumbrantes côres, mormente ⁵ em face do sol, para mais refulgirem ⁶; que, empavonando-se, faz que as sombras caiam nos claros.

E porque não se intumesceria ⁷?

Se o imperio pertencesse á belleza, não á força, o pavão, diz Buffon ⁸, fôra rei das aves, pois outra não ha sobre quem ella tão prodigamente ¹⁰ vasasse os seus thesouros. Estatura elevada, magestoso porte, movimentos soberbos, figura nobre, proporções do corpo elegantes e esbeltas, tudo reúne quanto denuncia um ente distincto. Um cocar ¹¹ movel e leve, matizado com as mais ricas côres, lhe ¹² adorna a cabeça; plumagem incomparavel congrega ¹³ quanto nos lisongeie os olhos no colorido das mais lindas flôres, quanto deslumbre nos scintillantes reflexos das pedrarias, quanto assombre no magestoso brilho do iris. Não só ajuntou a natureza naquella plumagem todas as côres do céu e da terra, para crear a obra-prima da magnificencia ¹⁴, se não que as misturou, matizou, e por tal arte ¹⁵ proporcionou e fundiu ¹⁶ em sua inimitavel palheta ¹⁷, que fez do todo um quadro unico, onde essas tintas extráem de sua mistura com outras mais carregadas, ou de seu umbratil ¹⁸ e cambiante ¹⁹, novo lustre e tão sublimes effeitos de luz, que a arte os não póde imitar, nem descrever.

José Feliciano de Castilho 1810-1879).

¹ Conceito, ou opinião formada anticipadamente, e sem fundamento razoavel. ² escriptor latino. ³ § 241, 1). ⁴ abre, estende. ⁵ sobretudo, principalmente. ⁶ brilharem. ⁷ ou se intumesceria, se incharia; e no sentido figurado, se ensoberbeceria de orgulho. ⁸ naturalista e notavel escriptor francez. ⁹ § 208 b). ¹⁰ liberalmente. ¹¹ penacho, plumas. ¹² § 130, a).

¹³ junta, reúne. ¹⁴ grandeza, sumptuosidade, esplendor. ¹⁵ modo maneira. ¹⁶ misturou, confundiu. ¹⁷ ou paleta, taboinha delgada onde os pintores dispõem as tintas e as combinam. ¹⁸ sombrio, effectuado pela sombra. ¹⁹ mudança gradual de côres, furta-côr.

52 — Miseria

Era já noite cerrada,
 Diz o filho : — « Oh ! minha mãe,
 « Debaixo d'aquella arcada
 « Passava-se a noite bem ! »

A cega, que todo o dia
 Tinha levado a andar,
 A taes palavras do guia
 Sentiu-se reanimar.

Mas saltam dois cães de gado,
 Que eram como dois leões !
 Tinha-os á porta o morgado
 Para o guardar dos ladrões.

Tornam os pobres á estrada,
 E aonde haviam de ir dár ?
 Ao palacio da tapada,
 Onde o rei ia caçar.

Á ceguinha, meia morta,
 Torna o filho : — « Oh ! minha mãe,
 « Alli, no vão d'uma porta,
 « Passava-se a noite bem ! »

— « Se os cães deixarem . . . (diz ella,
 A triste, num riso amargo).
 Com effeito, a sentinella :
 — « Quem vem lá ? . . . Passe de largo ! »

Então ceguinha e filhinho,
Vendo a sua espr'ança vã,
Deitaram-se no caminho
Até romper a manhã!...

João de Deus (*escriptor contemporaneo*).

53 — Um primor de descripção

A ramada, suspensa em esteios de pedra, formava o enfolhado docel do tanque. Pendiam já doirados os enormes cachos de ferral. Alguma folha escarlata, outra amarellecida pelo queimar¹ do sol, realçavam², veriegando³ as côres, a abobada afestoada⁴. Nos rebordos⁵ da bica rustica por onde⁶ a agua derivava, grogolejando⁷ nas algas⁸, verdejavam vegetações filamentosas⁹, pendentas como meadas de esmeraldas, e miniaturas¹⁰ de relvedos¹¹, onde os insectos se pou-savam num ruflar¹² deleitoso de azas, no regalo da frescura, oscillando¹³ as antenas¹⁴. Duas gallinhas, com as suas ninhadas, esgaravatavam na leiva¹⁵ humida, a cacarejarem¹⁶ a cada granulo¹⁷, ou insecto, que bicavam e deixavam cair e retomavam de novo, com umas negaças, para ensinar os pintainhos, que se disputavam a posse do cibato¹⁸ em corrimaças impetu-sas, azoratadas¹⁹. De vez em quando, á tona d'agua, rente com o combro²⁰ de cantaria, afogado²¹ de mus-gos verdes, emergia²² a cabeça glauca²³ de uma rã, que pinchava²⁴ para a alfombra²⁵, coaxava o seu dia-logo interrompido com outra rã do beiral²⁶ fronteiro, e ambas, a um tempo, mergulhavam de pincho, quan-do Cacilda batia a roupa na pedra esconsa do lavadou-ro. Estava o sol a pino; mas, pela densidade²⁷ folhuda do parreiral, apenas coavam umas lucilações²⁸ a lami-narem²⁹ tremulamente a agua ondulosa³⁰ e escumada do sabão.

Camillo Castello Branco (*escriptor contemporaneo*).

¹ § 222, c). ² faziam avivar as côres pelo contraste de outras menos vivas. ³ variando as côres. ⁴ em festões ou grinaldas. ⁵ bordas voltadas para fóra, ou reviradas. ⁶ § 195. ⁷ murmurando com o ruido especial do gargarejo. É palavra onomatopaica, isto é, imitativa do objecto significado. ⁸ plantas que vivem na agua. ⁹ compostas de filamentos, ou fios muito delgados. ¹⁰ qualquer coisa em ponto pequeno, imagem delicada. ¹¹ terrenos cobertos de relva, prados. ¹² zumbir. ¹³ movendo alternativamente em sentidos oppostos. ¹⁴ órgãos moveis, mais ou menos compridos, situados na cabeça de certos animaes e que lhes servem para o tacto. ¹⁵ terra amontoada pela enchada ou arado. ¹⁶ § 135, *Obs.*) ¹⁷ pequeno grão. ¹⁸ cibalho e biscato, migalha de alimento que as aves trazem para o ninho, para darem aos filhos. ¹⁹ tontas, desconcertadas. É neologismo (palavra nova) derivado talvez de *orate* (tonto, aparvalhado, atolambado). ²⁰ cômore, monticulo, pequena elevação do solo. ²¹ tornado fôfo, molle. ²² Saía de onde estava mergulhada. ²³ verde mar. ²⁴ pulava. ²⁵ tapete alcatifa; e no sentido figurado: tapete de verdura, a relva do prado, o musgo do rochedo. ²⁶ margem, borda. ²⁷ espessura. ²⁸ reflexos, effeitos de luz. ²⁹ reduzir o metal a laminas ou chapas delgadas. No sentido translato, quer dizer: a darem a apparencia de laminas. ³⁰ que fórma ondulações, ondulada, que tem um movimento semelhante ao das ondas.

54 — Ave Maria !

No sino da freguezia,
 Tres badaladas ouvi;
 Sobre a terra, humida e fria,
 De joelhos, mesmo aqui,
 Oremos, que é findo o dia:
 Ave, Maria;

Descendo da serrania,
 Já o pastor ao curral
 Os fartos rebanhos guia:
 De abundancia, ao de hoje equal,
 Dá-lhe amanhã outro dia,
 Virgem Maria!

A mãe, que o filho cria,
 Já no berço o vae deitar :
 Um somno tranquillo envia
 Sobre o seu tecto pousar
 Até ao romper do dia,
 Virgem Maria !

Não deixes a ventania
 As negras azas abrir :
 Do p'riço o nauta desvia,
 Dá-lhe uma estrella a luzir
 Como luz o sol do dia,
 Virgem Maria !

Ao triste manda alegria,
 Ao que tem fome dá pão,
 A quem teu nome injuria
 Dá sincera contricção
 Antes do extremo dia,
 Virgem Maria !

Ao moribundo abrevia
 As horas do padecer ;
 Livra-o de grande agonia ;
 Leva-o, depois de morrer,
 Ao mundo do eterno dia,
 Virgem Maria !

Francisco Palha (*escriptor contemporaneo*).

55 — Uma toirada no seculo XII

Poucos momentos eram passados, quando o postigo ¹ do castro ² se abriu de novo e vomitou de si, atravez do passadiço, que assoberbava a barbacan ³, um toiro furioso. Num relance, o toiro achou-se no meio da ex-

tensa liça; parou e olhou em roda, bufando⁴ e escarvando a terra, que lançava para o dorso. Depois de hesitar algum tempo na escolha das victimas, galgou para os cavallariços⁵, os quaes sustinham a custo os mastins, que haviam saudado a féra com um tremendo ladro. Quando o possante animal chegou a meia distancia do espaço que o separava dos seus naturaes inimigos, as trellas⁶ tinham caído no chão, e os irritados molossos precipitavam-se a encontrá-lo. O valente animal soltou um longo mugido e abaixou a fronte, como se tentasse escondê-la na nuvem de pó, que os cães, estacando, tinham tornado mais densa. Do meio do turbilhão⁷, viu-se⁸ de repente subir ao ar um vulto enovellado, que foi cair a curta distancia. Era o cadaver de um dos mastins. A cabeça do toiro tinha surgido d'entre o pó: o sangue tingia-lhe⁹ uma das pontas, gotejava-lhe sobre as roscas do rosto negro, e vinha listrar-lhe a escuma dos beiços trementes. Um clamor unisono de applausos rompeu dos dois estrados e d'entre a turbamulta¹⁰ apinhada em volta da teia¹¹.

Como que excitados pelo entusiasmo dos espectadores, os cães, que por um instincto natural de conservação haviam recuado, arremessaram-se ao vencedor, o qual, abaixando de novo as terriveis armas, começou a escarvar a terra. A rapida scena, que tinha suscitado aquelles estrondosos applausos, repetiu-se então com rapidez ainda maior. Segundo mastim foi cair semi morto na arena; mas os mugidos do toiro haviam-se convertido em urros de desesperação. Rompendo do lugar onde repellira immovel¹² a aggressão dos seus adversarios, tentava erguer novamente a fronte ameaçadora. Debalde um dos mais corpulentos mastins cravara-lhe os dentes numa das orelhas felpudas, enquanto outro lhe cruzava as presas¹³ no beiço superior, unindo-as como um arco de ferro. O sangue do bruto enraivecido misturava-se com o das suas victimas, e o peso dos corpulentos molossos curvava-lhe para o chão a cabeça. Arqueando o dorso, o toiro gal-

gou então para deante, arrastando os mastins, que, sem desaferrar ¹⁴, se rojavam ¹⁵ no pó. De roda d'elle, pendurados da cauda, do ventre, filados aos curvilhões ¹⁶, assemelhavam-se a um tropel de demonios. A irritação do bruto possante parecia ter-se convertido na demencia da desesperação.

Neste momento, os cavalleiros dos briaes ¹⁷ puzeram-se em pé, e os cavallariços dirigiram-se para os cães, que o toiro arrastava ennovellados apoz si, e que aos silvos ¹⁸ e gritos dos cavallariços começaram a soltar-se do seu adversario. Muitos d'elles, desconjunctados, semi-mortos, arquejavam na arena ¹⁹. O combate chegára a termos em que parecia que a morte, mais cedo ou mais tarde, deixaria todos os contendores estendidos no campo. Os cavallariços, agarrando-se ás caudas dos cães, fustigando-os com as trellas, repetindo de continuo os gritos e os silvos, deixando-se arrastar por aquelle turbilhão informe, conseguiram, a final, pôr termo á refrega. Rasgados os membros ²⁰, coberto de sangue e de pó, o toiro fugiu, urrando, para o lado opposto da arena, e os cavallariços aproveitaram aquelles curtos momentos para pôr a salvo os mastins que sobreviviam ²¹, galgando com elles pcr cima da teia, que os separava do amphitheatro ²².

Já a esse tempo os cavalleiros haviam descido á liça. Por alguns instantes fallaram entre si em voz baixa. Um, finalmente, saiu correndo do meio do grupo, e dirigiu-se para o outro lado do parallelogrammo. Brandindo a ascúma ²³, provocava o nobre animal, em cujo aspecto o sangue, que lhe tingia a fronte, e a febre da raiva, que lhe coava ²⁴ nas veias, redobravam os indicios da ferocidade. O toiro precipitou-se para elle. O cavalleiro vibrou ²⁵ o dardo, que passou como um raio, roçando pelo ventre da alimaria, a qual estacou, fechando os olhos e abaixando as pontas para arrojar aos ares o provocador, se este não esquivasse a pancada, pulando para o lado. No mesmo instante,

uma nova ascuma voou das mãos de outro cavalleiro para o bruto e cravou-se-lhe na espadua.

Gritos estrepitosos proromperam de toda a parte. A dôr da profunda ferida só serviu, porém, de augmentar ainda mais, se era possível, a desesperação do animal, que rompeu furioso para os novos adversarios; mas, a cada salto, um novo dardo vinha, ou cravar-se nelle, ou passar-lhe ao lado, e os applausos, ou os apupos dos circumstantes, recompensavam a pericia dos cavalleiros, ou castigavam a sua pouca destreza. Os ferros de duas ascumas embeberam-se ²⁶ a final quasi simultaneamente por entre as roscas do pescoço do bruto, que parou, vacillou algum tempo e caiu. Tres ou quatro lanças, que ainda passaram sibillando por cima d'elle, foram cair inuteis ²⁷ no chão da liça. O toiro tinha expirado.

Alexandre Herculano (1810-1877).

¹ Porta pequena feita em muralha. ² o castello, a fortaleza. ³ na fortificação antiga, chamava-se barbacan a uma especie de muro, construido deante das muralhas e mais baixo que ellas. ⁴ § 238, 1). ⁵ moços de cavallariça, estribeiros. ⁶ refere-se aqui á nuvem de pó levantada na liça pelos cães e pelo toiro. ⁸ § 192, b). ⁹ § 130, a). ¹⁰ grande multidão, tropel, confusão de gente. ¹¹ divisoria para separar o povo nas egrejas, ou os espectadores nos tribunaes. Aqui, por extensão, significa a fileira de estacas que fechava a liça, ou arena. ¹² sem se mover. O prefixo *in* é negativo neste caso como em outros muitos. *In* muda-se em *il*, antes de *l*; em *im*, antes de *b*, *m* ou *p*; em *ir*, antes de *r*. ¹³ os dentes caninos. ¹⁴ soltar, desprender o que estava aferrado, ou preso como ferro. As presas dos cães de fila, mastins, ou molossos, que eram rijas como *ferro*, tinham-se *aferrado* ou *ferrado* nos beiços e orelhas do toiro. Estes verbos, portanto, são empregados no sentido translato. ¹⁵ eram levados de rojo, ou arrastados. ¹⁶ curvilhão, curvejão, jarrête, é a parte saliente da perna do quadrupede, entre a canella e o pé. ¹⁷ especie de camisola, que os cavalleiros vestiam sobre as armas, e por cima da qual apertavam o cinto da espada. ¹⁸ Assobios. ¹⁹ Arena era o espaço central do amphitheatro dos antigos, onde combatiam os gladiadores e as feras. Por ext. todo o amphitheatro. Arena designa aqui a ex-

tensa liça, onde se fazia a toirada. ²⁰ § 241, 1.) ²¹ Sobreviver é continuar a viver, depois de outra cousa, ou pessoa. ²² Actualmente, chama-se amphitheatro ao conjuncto das bancadas de uma sala de espectáculo, quando são dispostas a modo de escadaria. Os amphitheatros dos antigos eram vastos edificios, em fórma circular ou oval, destinados especialmente para os combates de gladiadores e feras. No trecho que analysamos, amphitheatro quer dizer o lugar de onde os espectadores observavam os incidentes do combate, sentados em escadarias, ou trincheiras, e resguardados pela teia, estacada, ou trincheira-falsa, como hoje diríamos. ²³ pequena lança de arremesso. Chamam-se armas de arremesso as que se arrojam, ou atiram á mão, como dardos, chuços, etc. ²⁴ que se lhe introduzia, penetrava a pouco e pouco. ²⁵ brandiu, fez oscillar. ²⁶ cravaram-se, enterraram-se. ²⁷ que não são uteis. Aqui este termo é synonymo de desnecessarias, excusadas. § 179, b).

56 — Minha mãe

Minha Mãe, minha Mãe ! ai que saudade immensa
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti !
Cahia mansa a noite, e andorinhas aos pares
Cruzavam-se voando em torno dos seus lares,
Suspensas do beiral da casa onde eu nasci.
Era a hora em que já sobre o feno das eiras
Dormia quieto e manso o impavido ¹ lebreu ;
Vinham-nos da montanha as canções das ceifeiras,
E a lua branca, além, por entre as oliveiras,
Como a alma d'um justo, ia em triumpho ao céu ! . . .
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a lua a subir, muda, alumando o espaço,
Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo ao Deus, que está no azul do firmamento,
Que mandasse um allivio a cada soffrimento,
Que mandasse uma estrella a cada escuridão.
Por todos eu orava e por todos pedia :
Pelos mortos, do horror da terra negra e fria,

Por todas as paixões e por todas as maguas...
 Pelos miseros, que entre os uivos das porcellas,
 Vão, em noite sem lua e num barco sem velas,
 Errantes através do turbilhão das aguas.

O meu coração puro, immaculado ² e santo,
 Ia ao throno de Deus pedir, como inda vae,
 Para toda a nudez um panno do seu manto,
 Para toda a miseria o orvalho do seu pranto
 E para todo o crime o seu perdão de Pae!

.....

A minha Mãe faltou-me, era eu pequenino,
 Mas da sua piedade o fulgor diamantino
 Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
 Como junto d'um leão um sorriso divino,
 Como sobre uma forca um ramo de oliveira!

Guerra Junqueiro (*auctor contemporaneo*).

¹ não medroso (*in-pávido*). ² não manchado (*in-maculado*).

57 — A maledicencia

O homem não vae todo á sepultura. A mais nobre parte d'elle fica vivendo, viverá sempre e não perde o direito á estima e consideração dos outros. Assim tem pensado o genero humano, tributando honras, depois de milhares de annos, aos bemfeitores da humanidade.

A honra mais depurada e mais sublime é aquella a que se aspira sómente depois da morte. Ninguem mais louvavel que o que lavra e semeia para uma época em que não poderá colher.

O cidadão benemerito da patria, aquelle a quem a sociedade contemporanea devia ser grata, e a quem ou despreza ou desconhece, consola-se com a lembrança de que a posteridade lhe fará justiça. Tirae esta ideia, esta recompensa ao heroismo, e o heroismo, já hoje